

Caribe

com - sheet de - The Pro

7/4/62

Belém

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 16

NOVEMBRO, 1961

FASES CULTURAIS E ACULTURAÇÃO INTERTRIBAL
NO TUMUCUMAQUE (1)

PROTÁSIO FRIKEL

Museu Goeldi

A presente comunicação antecipa, essencialmente, conclusões de um estudo sôbre a ergologia dos índios Tiriyo. (2).

A cultura das tribos guianenses, sobretudo no que se refere a aspectos de seu equipamento adaptativo, é relativamente bem conhecida, haja vista os trabalhos de Roth, Gillins e outros (3). Por isso mesmo, um estudo da cultura material tiriyo, se limitado apenas à descrição de formas, funções e usos, não traria grandes novidades. Embora conservando a sua individualidade, êsses grupos partilham de padrões comuns à área guianense, podendo-se mesmo falar, até certo ponto, em uma "cultura karib".

Entretanto, orientamos as nossas investigações à base de um levantamento tão detalhado quanto possível, das tradições tiriyo, identificando os elementos materiais como surgiram originalmente, como foram modificados ou, quando abando-

- 1) Êste trabalho foi apresentado à V Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, em Belo Horizonte, julho de 1961.
2. Estudo que está sendo realizado pelo Museu Paraense "Emílio Goeldi", do INPA.
3. Gillin, John — 1948, Tribes of the Guianas. — In: Handbook of South American Indians, Vol. 3. pg. 799 sq.
Roth, Walter Edmund — 1924, An Introductory Study of the Arts, Crafts, and Customs of the Guiana Indians; Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution.

nadas as antigas formas, sua substituição por outras novas. É de notar, porém que neste sentido, o termo “tradição tribal” não deve ser interpretado como sinônimo de “lenda” ou “mito”. As lendas podem dar e, de fato, dão apontamentos também sobre a cultura material de éras passadas. Mas não oferecem garantias absolutas de que os elementos ali mencionados realmente tenham existido na época da referência da lenda e não sejam elementos posteriormente introduzidos. Pelo contrário, trata-se, em nosso caso e antes de tudo, de conhecimentos reais e informações concretas sobre uma situação cultural do passado que, no próprio conceito do informante indígena contrasta com o nível cultural do presente, contraste que se revela da mesma maneira ao pesquisador pela observação direta ou controlada pelo uso de fontes bibliográficas. A tradição serve, pois, como elo e fonte explicativa e reveladora entre o passado e o presente, e neste sentido não deve ser desprezada. Um estudo assim combinado permite recuar, muitas vezes, até os habitantes primitivos da região e sua cultura e perceber, ao mesmo tempo, as influências de outras tribos sobre o grupo em foco.

* * *

O “habitat” dos Tiriyo são as regiões das cabeceiras dos rios Panamá, Marapí, Cuxaré, Parú de Oeste e Parú de Leste em território nacional, e as dos rios Parumã, Tapananí e Chipariwêni com seus afluentes direitos, no lado holandês. Protegido por grandes cachoeiras e os enormes Campos Gerais por um lado, por matas densas e as serras do Tumucumaque e Acaraí por outro, este rincão de terras tornou-se um reduto, onde o índio até há pouco se conservava em seu ambiente e com seus padrões de vida e cultura próprios, somente em contacto com as tribos da vizinhança (os Wáyana a leste e os Charumã a oeste) e quase sem conhecimento da civilização moderna. Este ambiente, sem dúvida alguma, contribuiu bastante para a conservação das tradições tribais. Vencidas as primeiras dificuldades de língua (pois até hoje ainda não há Tiriyo que saiba falar suficientemente o português ou

o holandês e vice-versa), comecei a perceber os ricos conhecimentos dos Tiriyo quanto ao passado da tribo e de sua cultura. Vi e ouvi que eles ainda conheciam uma série de elementos culturais hoje em dia não mais em uso, p. ex. os anzóis primitivos, feitos de unhas de gavião (para peixes maiores) ou de mandíbulas da formiga taóca (para peixes miúdos). Relataram modificações nas formas e no material empregados outrora, a respeito de objetos ainda existentes, distinguindo eles mesmos entre formas arcaicas e outras mais recentes: p. ex. o torrador de beijú, que na forma primitiva era uma pequena lage de pedra e na atual é um disco, feito de barro cozido. Mencionaram, frequentemente, a origem cultural de certos elementos, se eram próprios aos grupos tiriyo ou de origem alheia; p. ex. certos tipos de casas, entre eles hoje existentes. Assim seria a casa cupular, redonda e fechada, um elemento exclusivo tiriyo; a casa oval, sem paredes, um tipo de habitação originariamente wáyana e a casa circular de teto cônico, um tipo provindo dos Charumã.

Além disso existem ainda tradições sobre uma fase bem primitiva, em que a maior parte dos elementos da atual cultura material, como rêdes, casas e mesmo arco e flechas, era desconhecida.

Por estes poucos exemplos já se vê a grande importância da tradição tribal para o estudo da cultura material. Oitrossim, um estudo assim correlacionado já por si só, deixa entrever a existência de diferentes fases que constituem como que camadas culturais.

Para poder fazer uma coordenação destes elementos e as respectivas fases culturais, é mister considerar mais outro ponto da tradição tribal que, ao mesmo tempo, dá uma resposta a respeito das mudanças de cultura do passado ao presente: é a tradição que se refere à formação do povo tiriyo. A história da tribo fala de migrações e de imigrações de outros grupos, de cuja constante mesclagem, em parte pacífica, em parte sangrenta, resultaram os atuais grupos tiriyo. Estes três pontos básicos: o registro dos elementos da cultura material atual, o conhecimento da cultura material de épocas

mais remotas e a tradição a respeito da formação étnica da tribo, permitem fazer um estudo de estratografia cultural, a saber em duplo sentido :

a) num plano vertical : verificando o surgimento, o desenvolvimento ou, caso não exista, a sucessão de tipos de elementos culturais e, eventualmente, a sua perda, supressão ou eliminação : são as camadas ou fases culturais;

b) num plano horizontal : verificando, se, onde, até que ponto e de que maneira houve influências culturais de tribos vizinhas sôbre os grupos tiriyo : é a aculturação intertribal.

Para condensar o assunto, apresentarei o corte vertical na forma de um esquema. Aparecem aí, paralelamente, dois fatores : a formação étnica dos Tiriyo e a das correspondentes fases culturais.

A tradição tiriyo fala de grupos primitivos, primeiros habitantes dessa região. Destacam-se as seguintes características : Cultura material = essencialmente lítica. Existe grande aproveitamento de palhas e cascas. Arma principal = cacete ou borduna. Habitação = pára-ventos e abrigos de pedra ou cavernas. Subsistência = à base da coleta, com caça e pesca suplementar. Indica-se, expressamente, a ausência da agricultura e do plantio do algodão; ausência de cerâmica; ausência de arcos, flechas e tipos de casas prôpriamente ditas. Datas históricas para esta fase são difíceis de se obter. Mas para os grupos tiriyo acessíveis e aculturados, ela findará provavelmente pelo século XV ou XVI. Restrinjo a indicação do tempo aos grupos acessíveis, pois, conforme informações indígenas, ainda existem grupos tiriyo arredios, que vivem mais ou menos numa cultura desta base. Assim : os Wayarikuré do Matáwari, os Wayáma do Urumarí, os Akuriyo do Tapái e mais alguns outros.

Pelos séculos XVI ou XVII, aproximadamente, deve-se ter dado a primeira imigração e invasão de grupos indígenas, vindos de oeste. A população primitiva em grande parte se extinguiu, seja pelas guerras e matanças contínuas com os grupos imigrantes, seja por assimilação e mesclagem. Houve,

por assim dizer, uma nova formação étnica na região do Tumucumaque, da qual saíram os grupos proto-tiriyó: Tchóni, Káike, Atúrai e outros, com predominância dos Aibüba. O total destes grupos, de língua e hábitos aparentados que começou a formar nova unidade, designou-se com o nome de Piáno, os Gaviões ou Piánokotó — Povo Gavião.

É natural que estes grupos imigrantes trouxessem a sua cultura própria que, em relação à atual, poderíamos chamar de arcáica, o que corresponde também ao entender dos próprios índios tiriyó, chamando-a de “penatono” ou seja “dos antigos”. É a época da primeira mudança cultural. Devido a predominância do grupo Aibüba, aos quais quase todos os objetos do tipo arcáico são atribuídos, poderemos denominar esta época de “Fase Aibüba”. Persistem no desenvolvimento desta fase os instrumentos líticos e o modo de subsistência à base de coleta, porém bastante ampliada pelo advento de arco e flecha. Mas aparecem também muitos novos elementos: uma agricultura incipiente, primeiro com o aproveitamento de uma espécie de maniva silvestre, substituída mais tarde por outras qualidades e ampliada pelo plantio de tuberculos, principalmente de taiobas comestíveis. Surgem, como já ficou indicado, arco e flechas, estas últimas com o emprego de materiais hoje abolidos. Aparece a tecelagem de fios e o fuso com o aproveitamento de um tipo de algodão silvestre, não-cultivado. Encontra-se, da mesma forma, cerâmica, com vasos, fusos e torradores pequenos de barro. A habitação torna-se mais definida: aparecem os primeiros tipos de casas e aldeias em sentido mais próprio. Esta fase parece anterior ao século XVIII e talvez abranja os séculos XVI e XVII, porque em começos daquêle século já são mencionados, em relatos contemporâneos, nomes de grupos tiriyó atuais, grupos que se definiram somente na fase seguinte e que antes, na fase Aibüba, ainda não se tinham formado.

Nova onda de imigração indígena no Tumucumaque deu-se pelos séculos XVIII e XIX, o que resultou em processos de assimilação étnica e de aculturação entre os grupos da Fase Aibüba e os neo-imigrados. Étnicamente resultaram daí os

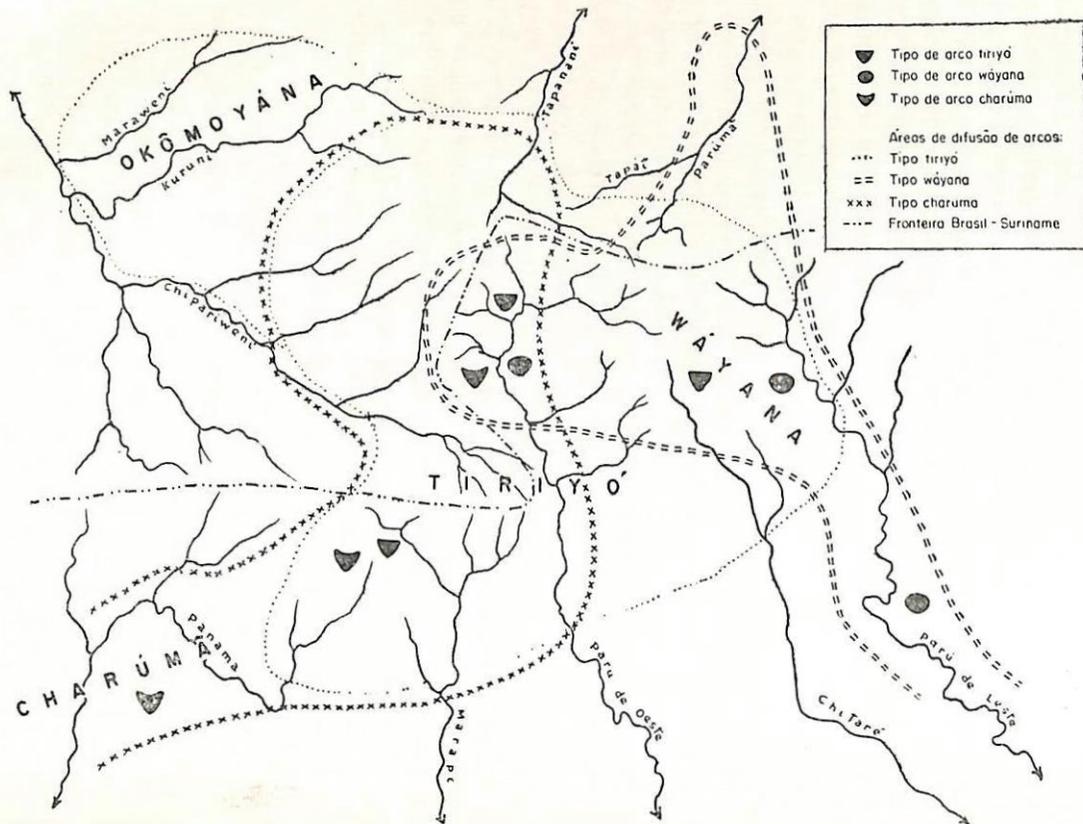
grupos tiriyo atuais e mais alguns, entretanto extintos. Poderemos chamar esta fase, cujos últimos impulsos alcançam ainda o presente, de "Fase Tiriyo". É a época da segunda mudança cultural. Nela continua a persistir o elemento lítico, o modo de subsistência e grande parte dos elementos culturais da fase anterior, porém com formas e tipos do estado atual. Aparece uma agricultura um pouco mais ampliada, no estilo típico das tribos da floresta tropical, como hoje ainda existe, juntamente com o plantio de algodão e seu respectivo aproveitamento. Surge uma cerâmica um pouco diferente, mais simples que a da fase anterior, sem ornamentação, à qual se liga a cerâmica atual, porém com sintomas de decadência. Na habitação, o número de tipos de casa aumenta. Verificam-se aí as primeiras influências da civilização ocidental, por intermédio dos Bushnegroes de Suriname. Nota-se depois do novo reajustamento étnico, um declínio do espírito guerreiro, antes combativo e agressivo, e concomitantemente a lenta perda de muitos instrumentos bélicos, p. ex. vários tipos de flechas de guerra e as famosas armaduras de taquaraçú.

Para completar o quadro, seja mencionada, ligeiramente a última fase, a moderna. Começa a ser sentida pelos contactos mencionados dos índios com os prêtos mocambeiros de Suriname, aproximadamente na segunda metade do século XIX que lhes transmitiram principalmente instrumentos de ferro (machados, enxadas, facas e terçados), panos para tangas e miçangas holandesas. Este contacto indireto com a civilização moderna existiu, neste estado restrito, até 1959. Alguns encontros eventuais com comissões e expedições não modificaram, essencialmente, o nível cultural dos Tiriyo, por terem sido estes contactos bastantes superficiais. Em 1959, a Fôrça Aérea Brasileira (FAB) abriu um campo de pouso na região do Tumucumaque que favorecerá, sem dúvida, contactos mais amplos com a cultura brasileira. Creio que, com isso, a tribo Tiriyo está entrando numa nova fase de aculturação que, se bem dirigida, pode redundar num benefício real desses índios.

O que, porém, no momento mais nos interessa, é o estudo das primeiras três fases apontadas. Se aqui as destacamos como fases culturalmente distintas, fica visto que, na realidade, em maior ou menor escala, há também períodos de transição e coexistência de elementos culturais das duas ou até três fases; de forma que, de per si, uma fase cultural não absorve nem necessária nem inteiramente a precedente e que também, quanto a colocação no tempo, uma não elimina, abruptamente, a anterior. O que aqui se tentou esquematizar, é na realidade, uma situação ainda bastante fluida. A própria comparação dos elementos culturais elucida isso.

Embora a possibilidade de se definir essas fases culturais, notam-se todavia formas e tipos de elementos que não se enquadram totalmente no esquema diacrônico aqui apresentado. Existe, simultaneamente, um plano horizontal ou sincrônico de cultura, originado pelas influências de outros grupos indígenas circunvizinhos com culturas muitas vezes bem semelhantes, mas não idênticas no emprego de formas e materiais, o que praticamente resulta em aculturação intertribal. Enquanto na sucessão das fases, basicamente, ocorrem mudanças culturais, marcadas pelo surgimento de elementos novos, aqui nessas trocas intertribais trata-se antes de difusão e adaptações à novas formas de traços culturais já existentes.

As primeiras indicações sobre influências de outras tribos sobre os grupos tiriyo encontramos na fase proto-tiriyo dos Aibüba. A tradição se refere a frequentes contactos com grupos da bacia do Parú de Leste (os Worichana e outros) que são tidos como ancestrais dos atuais Wáyana, grupos que, portanto, poderíamos chamar, analogamente, de proto-wáyana. Estes contactos as mais das vezes tiveram desfecho sangrento, mas não deixaram de ter certas consequências. Assim, para aquela época, são mencionados os oküyá, vasos de bôjo duplo e outros tipos dos Aibüba, como formas tradicionais dos Worichana ou proto-wáyana. Aliás, esta distinção feita pelos Tiriyo, entre grupos que constituem o fundo dos atuais Wáyana e estes mesmos, parece indicar que na região do Parú de Leste houve um desenvolvimento cultural bem semelhante,



em fases, quiçá, paralelas às dos Tiriyo. Esta influência dos grupos de leste, continuou na terceira fase, a histórica ou recente, até os nossos dias.

Também da bacia do Trombetas, a oeste, se irradiaram influências culturais especialmente do grupo Charumã que, linguística e etnologicamente se enquadra entre as tribos da família Parukotó, porém que aí essas influências parecem ser de data mais recente, restringindo-se à última fase. Nota-se a difusão de elementos charumã, principalmente nos tipos de enfeites de plumas tiriyo, nas tangas femininas de miçangas e outras.

Em relação às áreas de influência dá-se o caso interessante de uma superposição parcial das áreas de irradiação cultural. A influência wayana vai do Parú de Leste até um pouco além do Parú de Oeste, até o rio Akalapí, aproximadamente. A charumã, por sua vez, vai do Trombetas-Panamá, incluindo também o Parú de Oeste, de forma que o núcleo central, a área do Parú de Oeste, sofre maior influência intertribal. Tomando o Parú de Oeste como centro da região, nota-se entre os Tiriyo um constante aumento de elementos wayana para o leste, com um simultâneo decréscimo de elementos charumã; e vice-versa: aumentam para o lado do Marapi-Panamá as influências charumã, desaparecendo sempre mais as dos Wayana. O arco tiriyo é um exemplo clássico. Todos os três grupos: tiriyo, wayana e charumã, possuem um tipo de arco próprio. O tiriyo, arco de costa chata, encontra-se em toda a extensão do território tiriyo. O tipo charumã, arco de costa cavada, tem a sua maior difusão na região oeste abrangendo ainda o setor central do Parú de Oeste, enquanto o tipo wayana, arco de corte transversal circular, é mais frequente na região leste, incluindo também o Parú de Oeste. No setor central coexistem, pois, todos os três tipos de arco. Quanto mais para o leste, diminui a difusão do arco charumã e vice-versa: quanto mais para o oeste, desaparece o arco tipo wayana.

Houve, sem dúvida, influências culturais de outros grupos porém mais difíceis de se determinar, como p. ex. as dos Ingarüyana (Kachüyana) que pelos Tiriyo são tido, basicamen-

te, um subgrupo charúmã. Ou as dos Okômoyana, hoje grupo assimilado aos Tiriyo, mas outrora alienígena, não-tiriyo. Estes últimos deixaram alguns vestígios de sua influência, reconhecíveis em certos tipos de cestaria que conservam, pelo nome do objeto, a indicação da sua origem primitiva: assim o "okômoyána katári", o panacú okômoyána, um tipo de jamanchim ainda usado pelos Tiriyo.

Como ilustração de desenvolvimento, mudança ou substituição parcial de um elemento, como aparece, ao mesmo tempo, no corte vertical e horizontal das camadas culturais, pode-se citar a cabeça de fuso de fição.

Uma das primeiras formas da fase arcáica (aibüba) apontada é o fuso, cuja cabeça, com gancho respectivo, é for-

CABEÇA DE FUSO TIRIYO

FASE	TIPO CHARUMÃ	TIPO TIRIYO	TIPO WAYANA
IV			
III			
II			
I	—	—	—

mada por uma costeleta de ôsso ou espinha de peixe. Já no fim desta fase, como também na seguinte, a cabeça do fuso é constituída por um ôsso de coatá, cortada em forma de "X". Esta forma se observa ainda, embora raras vezes, na região do Panamá, onde está sendo substituída pela do tipo charúmã-ingarúne : ôsso de coatá ou de jacaré-tinga em forma de meia lua. Na região central e leste dos Tiriyó, aquêles caiu em desuso e os próprios tipos tiriyó tendem a ser abolidos. Predomina a forma wáyana, cabeça de madeira com fenda longitudinal para engatar o fio, cortada na própria haste do fuso. Este tipo (wáyana) não se encontra na região oeste, do Panamá, mas predomina até o Parú de Oeste, inclusive.

Pessoalmente estou inclinado a crer que uma estratificação bem semelhante, consistindo em duas ou três camadas culturais ao mesmo tempo que difusão e aculturação intertribal tenha ocorrido também em outras regiões das Guianas, pelo menos nas zonas vizinhas às dos Tiriyó. Já aleguei a indicação tiriyó sôbre uma época proto-wáyana, constituída pelos Woríchana que, à semelhança da éra proto-tiriyó, foi precursora da fase histórica que incluye os Wáyana atuais. Mais nítido se torna o assunto na bacia do Trombetas, especialmente entre os Kachúyana que, anos atrás, tive ocasião de estudar. Estes, em sua tradição distinguem também três éras ou fases análogas : a primitiva, a "dos antigos" ou seja arcáica, e a recente ou histórica. Esta última é influenciada pelos mesmos grupos da família parukotó, os Charúmã, por êles chamados de Tunayána. A comparação de certos elementos entre as várias tribos, influenciadas por um mesmo foco de irradicação cultural, mostra que êles nem sempre foram aceitos de igual maneira e que a não-absorção de um elemento cultural pode, mais tarde, resultar num monopólio comercial e a formação de um estado incipiente de profissão por parte do grupo influenciador. Para o primeiro caso cito o ralo e o modo de fazer fogo; para o segundo, os banquinhos dos homens.

Os Kachúyana adotaram em sua última fase (recente) o ralo charúmã : uma táboa com lascas de quartzo nela embutidas para servirem de dentes. O modo de fazer fogo por

meio de fricção, no sistema charumã, igualmente foi aceito por eles, enquanto que, entre os Tiriyo, estes dois elementos não se infiltraram. Ambas as tribos, em suas fases anteriores, utilizavam-se de instrumentos líticos para servirem de ralo e de "isqueiro". E os Tiriyo ficaram nisso.

	RALO		FOGO	
	<i>Kachúyana</i>	<i>Tiriyo</i>	<i>Kachúyana</i>	<i>Tiriyo</i>
I.	pedra	pedra	pedra	pedra
II.	pedra	pedra	pedra	pedra
III.	táboa com lascas de quartzo	pedra	(paus de fogo) fricção)	pedra
IV.	táboa com lascas de quartzo (flandres)	flandres	fósforos	Fósforos (isqueiros)

O segundo exemplo é o dos banquinhos ovais. É um elemento até frequente nas malocas tiriyo e kachúyana. Os homens de ambas as tribos apreciam este tipo de banquinho, mas, seja por falta de habilidade ou outros motivos, não o fabricam. Enquanto muitos outros elementos charumã foram aceites no processo de aculturação, este ficou à parte. A fabricação deste tipo de banco tornou-se no correr dos tempos, um monopólio comercial e artigo de exportação dos Charumã para as ditas tribos vizinhas criando entre os charumã um estado incipiente de especialização manufactureira.

Creio, pois, que um estudo dest'arte combinado da tradição tribal e da cultura material, permite obter uma visão básica sôbre os acontecimentos culturais do passado, não só da região do Tumucumaque, como também de áreas mais vastas ainda.

* * *

Há finalmente uma questão a considerar : o que diz a arqueologia da região a êsse respeito ?

Os próprios Tiriýó se referem aos sítios arqueológicos aí existentes, como a aldeias de seus antepassados. Frequentemente, sabem ainda indicar nomes de chefes dessas antigas aldeias e os dos grupos ou das sipes a que pertenceram. Há casos isolados também, em que a idade de certos sítios, à mão de parentescos estabelecidos com pessoas ali enterradas, cujas sepulturas ainda são reconhecíveis, pode ser determinada para a quinta e sexta geração, isto é, para uma época de aproximadamente 200 anos atrás. Não dispomos de lugar, aqui, para uma explanação minuciosa dos tipos de sítios arqueológicos do Tumucumaque. Basta dizer que os da mata divergem um tanto dos do campo aberto. De ambos foram colhidas amostras de cerâmica e entregues a P. P. Hilbert para análise e classificação. Os primeiros resultados parecem indicar que a cerâmica do Tumucumaque provém de duas fases distintas que se ligam a tradições ceramistas, encontradas nas Guianas Britânicas e classificadas por Clifford Evans como as fases Tarumã e Rupununi-Savana (4). Ambas são relativamente recentes embora a chamada fase Tarumã seja um pouco mais antiga que a outra.

Os Tarumã, como habitantes do Essequibo, são citados a primeira vez, em cerca de 1720. É esta, simplesmente, uma data de ligação histórica e não quer dizer, em absoluto, que a dita cultura não se tenha difundido já antes naquela região.

4. Evans, Clifford and Meggers, Betty — 1960, Archeological Investigations in British Guiana; Smithsonian Institution.

Em todo o caso, a cerâmica de certos sítios do Tumucumaque corresponde amplamente à da referida fase Tarumã.

Cousa quase idêntica se nota em relação à fase Rupununi-Savana. Esta, um pouco mais recente, encontrou a sua continuação atual entre os Waiwai. A data de ligação histórica, mais antiga, parece ser a do ano de 1809. Também aqui certos tipos de louça do Tumucumaque correspondem aos dos sítios das Guianas Britânicas.

Enquanto, de um modo geral, as cerâmicas dos sítios arqueológicos do Tumucumaque encontram os seus tipos correlatos nas Guianas Britânicas, nas fases acima referidas, parece haver certa discordância quanto à sucessão dessas fases na região do Tumucumaque. Supondo que a datação de Clifford Evans, para as Guianas Britânicas seja a mais exata possível, parece então observar-se uma inversão, no sentido de que a fase correspondente à Rupununi-Savana aqui seja mais antiga, e a correspondente à Tarumã, a mais recente. A tradição tiriyo dá alguns esclarecimentos a êsse respeito, indicando que os grupos da fase arcáica tinham as suas moradias no alto de colinas e serras descampadas, com larga vista sobre a região circunvizinha, geralmente em lugares mais centrais e longe de água. Êsse sistema de habitação, modificou-se por influência de grupos vindos durante a segunda onda imigratória, que preferiram como "habitat" os vales e as beiras dos rios, fazendo as suas aldeias perto dos cursos d'água, um costume que prevalece até hoje entre os Tiriyo. Os sítios arqueológicos da área, de fato, enquadram-se perfeitamente nesta tradição. Existem muitos dêles em pleno campo, no alto de colinas e serras, mais ou menos isolados, não raras vezes bastante longe de qualquer curso d'água, enquanto outros estão situados ao longo do rio principal, o Parú de Oeste e de seus afluentes. A cerâmica dêstes dois tipos de sítios difere entre si e, ao que parece, a da fase arcáica (das colinas e do campo) correspondem mais à de Rupununi-Savana que, nas Guianas Britânicas, segundo Evans, é mais recente; vice-versa, a cerâmica dos sítios ribeirinhos, fase tiriyo mais recente, parece corresponder mais à de

Tarumã que, em Demerara seria a mais antiga. De fato, achados de tipos antiquados de machados de ferro (talvez do século XVIII ?) em sítios ribeirinhos tendem a confirmar a tradição tiriyo, enquanto em depósitos cerâmicos dos campos e das colinas, até agora, não se encontraram vestígios de contactos com culturas européias. Embora uma explanação à base da tradição indígena pareça bastante lógica por alcançar e explicar o estado presente, é mister aguardar resultados mais pormenorizados das pesquisas arqueológicas da região em foco, as quais ainda estão em sua fase inicial. Quis aqui unicamente apontar uma dificuldade na coordenação dos fatos. Mas é bem provável que os estudos subsequentes esclarecerão melhor o assunto.

Estabelecida todavia uma certa correlação de fases arqueológicas e horizontes culturais, resta procurar ainda por indicações a respeito da primeira fase, primitiva, a mais antiga. Nota-se aí também um fator comum. As escavações nas Guianas Britânicas, na região das citadas fases Tarumã e Rupununi-Savana, demonstraram que não existem outras camadas ou fases de ceramistas abaixo das referidas. Em outras palavras: Moradores anteriores a essas duas fases deveriam ter sido tribos pré-ceramistas, de uma cultura essencialmente lítica, bastante primitiva e difícil de localizar, devido a sua vida mais ou menos nômade de coletores.

Cousa igual parece ter existido no Tumucumaque. A tradição tiriyo, a respeito desta fase, menciona os mesmos fatores: ausência da agricultura, da cerâmica e da maior parte de elementos culturais como aparecem na segunda fase arcáica; mas existência de uma cultura primitiva, essencialmente lítica e o aproveitamento de cascas e enviras. ,

Resumindo, podemos, pois, constatar por um lado, uma quase completa concordância entre as fases arqueológicas da região do Tumucumaque e as das Guianas Britânicas das regiões do alto Essequibo e Rupununi; e por outro, uma igual correlação entre as fases arqueológicas do Tumucumaque e as camadas culturais dos Tiriyo, do que resulta entre outras cousas que o povoamento do Tumucumaque, seus sítios arqueoló-

gicos, as imigrações com as camadas daí oriundas, são de data relativamente recente, pertencendo ainda a épocas históricas, poscolumbianas, embora não exatamente determináveis devido à falta de dados e materiais pormenorizados.

Não resta dúvida que a fase primitiva e sua extensão no passado, seja a mais difícil de ser fixada ou determinada. Mas temos ainda uma fraca esperança de conseguí-lo. Referem-se os Tiriyo em seus relatos, que nessa fase mais remota, os habitantes da região ainda não conheciam casas propriamente ditas. Moravam em simples abrigos feitos de folhas de palmeiras ou galhos de árvores (tipos de pára-ventos) ou ainda sob abrigos de pedra e em cavernas. Os Tiriyo indicaram e mostraram uma série de tais "casas de pedra dos antigos" que, em parte, visitei. Algumas não mostravam vestígios de habitação humana na superfície. Outras, com certeza, foram habitadas. As suas paredes de granito estão cobertas de gravuras rupestres bem conservadas. Existem também sinais de fumaça, provenientes de fogueiras. Uma escavação traria à luz, provavelmente, grande parte dos elementos culturais daqueles homens escultores, e com o carvão, poder-se-iam fazer testes de C-14 para obter dados de sua colocação no tempo. Nesse sentido já foi programada, juntamente com P. P. Hilbert, ainda para este verão, um estudo dessas cavernas, quicá, pré-históricas.

Fase	Característica	Formação		Elementos culturais	Influências	Época	Correlação arqueológica (G. Br.)
		étnica	cultural				
IV.	atual	grupos atuais	3. ^a mudança cultural incipiente	continua : ainda o "status" anterior embora já influenciado pela civilização. Notam-se começos de adaptação no terreno da cultura material.	Do norte : Holandeses, Americanos. Diminui : Negros. Do sul : Brasileiros (FAB).	século XX	—
III.	histórica	grupos atuais tiriyo	2. ^a mudança cultural	continua : instrumental lítico; modo de subsistência e grande parte dos elementos culturais da fase anterior. aparece : agricultura ampliada; algodão plantado; cerâmica de tipo diferente (simples); habitação : novos tipos de casas; armas e utensílios de feitura diferente.	De Leste : Wáyana. De Oeste : Charumã, Ingarüyana. Do Noroeste : Okómoyana No século XIX : Bushnegros	séculos XIX e XVIII	Tipo Tarumã (?)
II.	arcáica	grupos proto-tiriyo (Aibüba)	1. ^a mudança cultural	persiste : cultura lítica; tipo de subsistência. aparece : agricultura incipiente; algodão silvestre (não plantado); cerâmica; armas : arco, flechas e outros; habitação : tipos de casas; utensílios : objetos de madeira.	Proto-wáyana (Worichana)	séculos XVII e XVI	Tipo Rupununi-Savana (?)
I.	primitiva	pre-tiriyo	?	presença : instrumentos líticos; aproveitamento de cascas e enviras; predominância de cacetes (toscos); habitação : pára-ventos, cavernas; subsistência : coleta, com caça e pesca suplementar. ausência : agricultura; algodão; cerâmica; arco e flecha; casas.	?	antes do século XVI	fase pre-cerâmica

S U M M A R Y

In the present paper the author tries to establish the main cultural phases for the Tumucumaque area, inhabited by the Tiriyo Indians. The data used were taken from the modern cultural elements of the Tiriyo, their oral tradition and the information supplied by the archaeology of the area. A cross-cut both in time and space was attempted, to show the historical sequence of the cultural phases and the resulting inter-tribal acculturation, due to the influence of others ancient and contemporary Indians geographically close to the Tiriyo (especially the Wáyana and Xarúma). This paper is a preliminary presentation of the data and of the procedure of the research. Further excavations and explorations of the prehistoric caves and sites in the Tumucumaque, will be done to shed more light especially on the pre-ceramic horizon.